

OLHARES SOBRE O PAPEL DAS MULHERES NO CRISTIANISMO DO SEGUNDO SÉCULO

Gabriel Ignácio Garcia¹

Ao longo do século XX e nos últimos anos, diversos estudiosos se debruçaram no estudo da cultura popular, entre eles, ganharam notoriedade Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg. A dificuldade no estudo dessa temática aumenta em períodos mais recuados como a Antiguidade em virtude da escassez documental. Tendo isso em vista, o trabalho objetiva analisar dois textos do século II d.C., pensando as visões que foram construídas acerca do papel feminino por integrantes das comunidades cristãs.

A primeira fonte, intitulada Atos de Paulo e Tecla, conta a história da jovem Tecla, moça de fé e obstinação que abandonou a família e o noivo na busca por seguir os ensinamentos de Paulo. Além disso, a narrativa propõe uma posição contestadora das mulheres, agindo coletivamente, frente uma situação de injustiça.

O segundo documento, uma carta do apóstolo Paulo endereçada a Timóteo, recomenda às mulheres uma forma de comportamento, pautada em pudor, modéstia e silêncio. Visões conflitantes, mas que permitem problematizar a construção da identidade cristã e as lutas de representações entre os cristãos nos primeiros séculos. Naquele cristianismo em formação, não somente questões doutrinárias estavam em debate, mas também, a delimitação do papel feminino, sua participação na comunidade e na liturgia.

20

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina. Financiamento: CAPES. E-mail: gabriel-i-garcia@hotmail.com

De Bakhtin a Chartier, a cultura popular em discussão

Ao longo do século XX, no campo das ciências humanas e sociais, estudiosos de diferentes linhas teóricas se lançaram na compreensão e problematização da cultura popular. Em razão da variedade de trabalhos, optamos por selecionar alguns desses autores e efetuar uma pequena discussão acerca das teses que defenderam.

A obra “Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” (1993), escrita pelo russo Mikhail Bakhtin, se tornou uma leitura quase obrigatória quando nos voltamos ao estudo da cultura popular. Nela, o autor analisa a dinâmica existente entre a cultura cômica popular (manifestada na obra de Rabelais) e a cultura eclesial, assinalada como séria, restritiva e autoritária. Através dessa contração, argumenta-se em favor de uma “circularidade cultural”, principalmente, no período de transição entre o medievo e a era moderna, onde:

[...] se inicia o processo de enfraquecimento mútuo das fronteiras entre a cultura cômica e a grande literatura. Formas inferiores começam cada vez mais a infiltrar-se nos domínios superiores da literatura. O riso popular penetra na epopeia, aumentam as suas proporções nos mistérios. (...) A cultura cômica começa a ultrapassar os limites estreitos das festas, esforça-se por penetrar em todas as esferas da vida ideológica. (BAKHTIN, 1999, p. 84)

Outro estudioso, o italiano Carlo Ginzburg, um dos expoentes da micro-história, em seu livro “O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição” (1987), oferece uma interpretação que corrobora a tese de Bakhtin. Para isso, o pesquisador dispôs do processo inquisitorial do moleiro Domenico Scandella (1532-1599), mais conhecido como Menocchio. Homem simples, mas cujas ideias despertaram a desconfiança do tribunal da Santa Inquisição. Através dos registros inquisitoriais, Ginzburg mapeou as leituras, teorias e

imagens imbrincadas na mentalidade do camponês italiano, traçando um quadro do universo cultural daquele contexto histórico. Num dado momento do texto, o historiador, reafirmando a noção de circularidade cultural, destaca “a impressionante convergência entre as posições de um desconhecido moleiro friulano e as de grupos intelectuais dos mais refinados e conhecedores de seu tempo [...]” (GINZBURG, 1987, p. 25-26). Rompem-se assim, as fronteiras sólidas que separavam cultura popular e erudita.

Vinculado à Nova Esquerda Inglesa, o historiador Edward Palmer Thompson também discorreu sobre a cultura popular em “Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional” (1998). Nessa obra, o autor começa problematizando a visão espasmódica da história popular, segundo a qual, as reações da gente comum não passariam de reações aos estímulos econômicos. O autor é contrário a essa visão, argumentando que no momento em que os homens e as mulheres da multidão se revoltavam contra o aumento no preço dos cereais, os mesmos, estavam imbuídos da crença de que defendiam direitos e costumes tradicionais e que, em geral, tinham o apoio mais amplo da comunidade nessa contestação. Ao defender sua visão de cultura, Thompson sublinha o papel das trocas culturais:

[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre escrito e oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole: é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”. (THOMPSON, 1998, p. 17)

Mais recentemente ganharam notoriedade os estudos do historiador francês Roger Chartier, refletindo acerca das noções das práticas e representações. Nessa esteira, constatamos o afloramento de estudos de História Cultural, com uma grande quantidade de trabalhos que se servem de tais conceitos.

Chartier, num de seus artigos, revisa algumas das obras sobre cultura popular, inclusive, algumas das citadas anteriormente. O autor aponta os desafios que devemos enfrentar ao lidar com essa temática, ponderando que:

[...] o objetivo fundamental de uma história ou de uma sociologia cultural compreendida como uma história da construção do significado reside na tensão que articula as capacidades inventivas do indivíduo ou das comunidades com os constrangimentos, as normas e as convenções que limitam – mais ou menos poderosamente segundo sua posição nas relações de dominação – o que lhes é lícito pensar, enunciar, fazer. Esta constatação vale para uma história das obras letradas, pois elas se inscrevem sempre no campo dos possíveis que as tornam pensáveis. Vale para uma história das práticas que são, elas também, invenções de sentido limitadas pelas múltiplas determinações (sociais, religiosas, institucionais etc.) que definem, para cada comunidade, comportamentos legítimos e as normas incorporadas. (CHARTIER, 1995, p. 190)

23

Ainda acerca das contribuições de Chartier, vale mencionar sua ênfase nas representações. Sua proposta é particularmente interessante quando nos deparamos com discursos conflitantes em um dado momento histórico, como é o caso dos documentos que serão analisados na sequência do texto. Segundo o pesquisador, poderíamos pensar na configuração de “lutas de representações”

[...] assim entendidas como uma construção do mundo social por meio dos processos de adesão ou rechaço que produzem. Ligam-se estreitamente a incorporação da estrutura social dentro dos indivíduos em forma de representações mentais, e o exercício da dominação, qualquer que seja, graças a violência simbólica. (CHARTIER, 2011, p. 22)

Chartier retoma o conceito de violência simbólica de Pier-

re Bourdieu, a fim de pensar o modo pelo qual tais lutas estão vinculadas aos processos de construção identitária, nos quais, atrelam-se as relações de alteridade:

[...] a construção das identidades sociais ou religiosas, situada na tensão entre as representações impostas pelos poderes ou pelas ortodoxias e a consciência de pertencimento de cada comunidade; ou bem, as relações entre os sexos, pensadas como a inculcação, pela repetição das representações e as práticas, da dominação masculina e também com a afirmação de uma identidade feminina própria, enunciada fora ou dentro do consentimento, pelo rechaço ou a apropriação dos modelos impostos. (CHARTIER, 2011, p. 23)

Essas considerações acerca da cultura popular e da noção de representação são o ponto de partida e o aporte teórico desse trabalho que pretende refletir o papel das mulheres sob a perspectiva de duas fontes distintas. A primeira, um texto apócrifo intitulado “Atos de Paulo e Tecla” que oferece a representação das mulheres com características mais autônomas, capazes de protestarem e se revoltarem frente a uma situação de injustiça. A segunda fonte, uma carta deuteropaulina, onde são feitas algumas considerações restritivas acerca do comportamento da mulher. Ambos os documentos apresentam datação do século II d.C., o que os aproxima do mesmo ambiente sociocultural e nos permite pensar as discussões sobre o papel que a mulher deveria exercer nas comunidades cristãs, quando estas ainda davam os seus primeiros passos.

24

Fé, resistência e poder: a história de Tecla

O texto apócrifo intitulado “Atos de Paulo e Tecla” narra, a princípio, o encontro do apóstolo Paulo com a jovem Tecla na cidade de Icônio. A datação desse texto gira em torno do século II, como discutem Carlos Alberto Silva e Denilson da Silva Matos:

Bremmer aponta uma data em torno de 160 a.D., ao sugerir que a evidência sobre a inscrição Romana de uma Pompeia Sosia Falconilla, esposa de um cônsul Romano na Sicília por volta do ano 169 a.D., é a fonte que fornece o nome Falconilla para a filha da Rainha Trifena nos Atos de Tecla. Há pesquisadores que procuram localizar os Atos de Tecla a um encontro histórico com Paulo, entre os anos 40 a.D., no entanto, essa hipótese é problemática pelo fato da historicidade de Tecla ser considerada altamente improvável. (SILVA; MATOS, 2015, p. 29-30)

A redação foi mencionada por Tertuliano (160-220 d.C.). O padre latino criticou severamente tanto o autor da obra, um suposto presbítero asiático, quanto o conteúdo da escrita:

Mas se os escritos que erroneamente vão sob o nome de Paulo, reivindicam o exemplo de Tecla como uma licença para o ensino e batismo das mulheres, que eles saibam que, na Ásia, o presbítero que compôs aquela escrita, como se estivesse aumentando a fama de Paulo para seu próprio interesse, depois de ter sido condenado, e confessando que ele tinha feito isso por amor de Paulo, foi removido do seu escritório. Por quanto deve parecer credível, que ele que não tivera permitido uma mulher, até aprender com o excesso de ousadia, daria a uma fêmea o poder de ensino e de batizar! “Deixe-as ficar em silêncio”, disse ele, “e em casa consultar seus próprios maridos”.²

25

As palavras acima nos ajudam a vislumbrar as lutas de representações que estavam em jogo entre os cristãos nos primeiros séculos. Expressam a insatisfação de Tertuliano com a recepção e os usos do texto naquele momento do século terceiro, legitimando para as mulheres o direito de batizar e ensinar, a exemplo de Tecla. A argumentação em favor de uma “palavra verdadeira” do apóstolo sobre o assunto parece se tratar de uma referência às palavras contidas na carta de Paulo a Timóteo.

² Trecho do Capítulo XVII da obra “De Baptismo”. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Ante-Nicene_Fathers/Volume_III/Ethical/On_Baptism/XVII. Acesso: 5 out. 2016.

Para compreendermos a revolta de Tertuliano, necessitamos resgatar a biografia apócrifa.

A história de Tecla principiou quando a jovem encantou-se com as palavras dirigidas pelo apóstolo Paulo. A partir dessa experiência, convencida da importância da castidade, abandonou o noivado que mantinha com Tâmiris. Nem mesmo as palavras maternas foram capazes de persuadi-la de sua decisão. O fascínio gerado pelas palavras do pregador silenciaram a moça. Segundo o relato, diante desse silêncio: “Começaram a chorar amargamente, Tâmiris porque perdeu sua mulher, Teoclía a sua filha, e as servas a sua dona. Havia, pois, uma confusão e tristeza generalizadas [...]” (PIÑEIRO; DEL CERRO, 2004/2005, p. 743).³ O resultado de sua rebeldia foi uma condenação à fogueira.⁴ A partir de então, começaram os eventos sobrenaturais na jornada da jovem cristã. Graças à intervenção divina, uma chuva de granizo se abateu sobre as chamas salvando-a do perigo, entretanto, o livramento da morte não impediu que fosse expulsa da cidade.

Sozinha, dirigiu-se a Antioquia, onde reencontrou Paulo. Para sua infelicidade, logo se achou sob o olhar mal-intencionado de Alexandre, figura proeminente na localidade. Tecla resistiu às investidas de magistrado e num gesto desesperado arrancou a sua coroa expondo-o ao ridículo (PIÑEIRO; DEL CERRO, 2004/2005, p. 757). O gesto causou a ira da autoridade que a levou perante o tribunal, exigindo uma reparação pela afronta. Pela segunda vez, a virgem foi condenada à morte. O resultado injusto do julgamento gerou a revolta das mulheres que de modo veemente expressaram o seu descontentamento,

³ “Comenzaron a llorar amargamente, Tâmiris porque perdió a su mujer, Teoclía a su hija, y las siervas a su dueña. Había, pues, una confusión y tristeza generales [...]” (PIÑEIRO, DEL CERRO, 2004/2005, p. 743).

⁴ Como concluem Silva e Matos (2015, p. 38), “o autor dos Atos de Paulo e Tecla, através de seu escrito, criticou os padrões de família estabelecidos nas províncias romanas da Ásia Menor, e mediante sua nova maneira de conceber a sua sexualidade, os primeiros cristãos teriam desestabilizado o modelo de família constituído no mundo greco-romano.”

gritando: “Má sentença, injusta sentença” (PIÑEIRO; DEL CERRO, 2004/2005, p. 759).⁵ Longe de uma atitude de resignação, como poderíamos supor, o que vemos nessa narrativa é um registro histórico de revolta feminina. Essa espécie de “coesão” existente entre essas mulheres fica ainda mais nítida na sequência do texto. Enquanto se desenrolavam os ataques contra Tecla, no teatro, as testemunhas desse acontecimento ficaram divididas: “[...] as mulheres estavam sentadas juntas. A plebe dizia: “tragam a sacrílega”. As outras exclamavam “Pereça essa cidade por essa impiedade”. Aniquila-nos todos procônsul: Triste espetáculo, Malvada sentença!” (PIÑEIRO; DEL CERRO, 2004/2005, p. 763).⁶ Em meio a esse clima, a virgem foi jogada às feras, porém, milagrosamente, uma leoa começou a defendê-la das demais feras. Depois, num gesto apoteótico, a donzela lançou-se dentro de um tanque e, invocando o nome de Jesus Cristo, autobatizou-se. Os Atos tratam ainda de outros eventos, entre eles, o reencontro entre mãe e filha em Icônio. O término do texto se dá com uma síntese dos últimos momentos da santa, afirmando que, “depois de haver iluminado a muitos com a palavra de Deus, dormiu com um lindo sonho” (PIÑEIRO; DEL CERRO, 2004/2005, p. 773)⁷.

27

Os trechos selecionados possibilitam situar essa fonte como “[...] um raro acesso a exemplos de uma voz narrativa popular” (PERKINS, 1995, p. 297). Nos feitos protagonizados por Tecla, especialmente, na insubmissão perante a mãe, o noivo e o magistrado, encontramos uma postura ativa e contestadora. Posteriormente, no episódio do circo, as mesmas atitudes podem ser vistas em uma proporção ainda maior. Nesse caso, a

⁵ “Mala sentencia, injusta sentencia” (PIÑEIRO, DEL CERRO, 2004/2005, página 759).

⁶ “[...] las mujeres estaban sentadas juntas. La plebe decía: “traigan la sacrílega”. Las otras exclamaban “Perezca esa ciudad por esa impiedad”. Nos aniquila a todos procônsul: Triste espectáculo, Malvada sentencia!” (PIÑEIRO, DEL CERRO, 2004/2005, p. 763).

⁷ “Y tras haber iluminado a muchos con la palabra de Dios, durmió con un bello sueño” (PIÑEIRO, DEL CERRO, 2004/2005, p. 773)

consolidação de um estado de revolta e insubordinação de um grupo de mulheres frente a uma situação injusta, questionado as medidas tomadas pelo procônsul. Em certo nível, essas mulheres se sentiram tocadas por um sentimento de solidariedade em relação a Tecla, mesmo não sendo elas as atingidas diretamente pelo resultado da sentença. Além disso, não deixa de ser simbólica a atitude da leoa ao doar sua vida na defesa da moça. Assim, encontramos em Tecla, um exemplo de autonomia e “poder”, motivo de desconfiança e descontentamento por parte de Tertuliano.

Modéstia e silêncio: a posição da mulher na primeira carta de Paulo a Timóteo

A Primeira Epístola a Timóteo insere-se no conjunto das chamadas “cartas pastorais”. Segundo Paul Anton, “a escolha deste termo foi muito feliz porque essas cartas foram dirigidas a responsáveis por Igrejas e lhes lembram seus deveres enquanto ‘pastores’ das comunidades confiadas aos seus cuidados” (ANTON, 1987, p. 245). Todavia, a autenticidade paulina dessa, e de outras missivas, é motivo de discordância entre os estudiosos, com datações que variam da segunda metade do século I até o século II. Diante dessas discordâncias, optamos por seguir a posição de A. Robert e A. Fuillet que dissertam em favor do segundo século (ROBERT; FUILLET, 1970). Sendo assim, trabalhamos com um escrito deuteropaulino, ou seja, uma produção cunhada por discípulos ou pessoas que tiveram uma proximidade com Paulo de Tarso (5-67 d.C.).

Selecionamos para a análise o capítulo dois da primeira carta de Paulo endereçada a Timóteo. Nela, atribuíram-se ao apóstolo dos gentios algumas orientações sobre como deveria ser o comportamento feminino. O capítulo começa com uma admoestação, um pedido de orações, intercessões e ações de graça pelos homens, reis, e autoridades. Em seguida, nos versos quatro, cinco e seis predomina um cunho mais teológico onde é

defendido o papel de Jesus na redenção humana e na mediação entre Deus e a humanidade. Fazendo um recuo à sua experiência pessoal na fé, o redator legitima seu discurso assegurando que, “(digo a verdade em Cristo, não minto) fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios na fé e na verdade” (BÍBLIA, I Timóteo 2, 7).

É a partir do verso nove que o foco volta-se para as mulheres. Primeiramente com uma preocupação estética, ou seja, quais as vestimentas e adornos que seriam recomendados ou não. O autor destaca o pudor e modéstia como norteadores do que deveria ser usado. Nesse sentido, tranças, ouro, pérolas ou vestidos preciosos seriam ornamentos não recomendáveis em prol de uma postura mais austera e reservada.

Após essa observação, os versos onze e doze dizem respeito a questões comportamentais. É expressa uma visão acerca das mulheres pautada pela submissão e passividade: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.” Longe da posição ativa e contestadora que vimos com Tecla e as demais mulheres narradas no texto apócrifo, o que nos deparamos agora é o enaltecimento de uma postura feminina pautada pelo silêncio e a resignação. Novamente notamos a existência de um silêncio, mas diferente do silêncio contestador e desafiador da santa mártir. Podemos pensar, também, no peso que essas palavras tiveram ao longo do tempo, e quais foram os seus reflexos. Um exemplo, a dificuldade existente na Igreja Católica em aumentar a participação feminina em funções litúrgicas e sacramentais, majoritariamente reservadas aos homens.

Qual a base dessa argumentação de 1Timóteo acerca das mulheres? Os versos treze, quatorze e quinze respondem essa pergunta. Neles vemos uma forma de fundamentação e/ou justificação desse pensamento. O escritor recorre ao livro do Gênesis para embasar sua posição, apontando para o papel ocupado pela mulher no pecado original. Ao ser enganada pela serpente,

a mulher, na figura de Eva, tornou-se a causa primeira de um rompimento com a vontade de Deus. Dado o estado de transgressão, a salvação feminina passaria por uma espécie de reparação, ou seja, por meio da geração de filhos, e permanecendo “com modéstia na fé, no amor e na santificação” (BÍBLIA, I Timóteo 2, 15).

Encontramos ecos desse pensamento em outra fonte, a carta de Clemente aos coríntios. Datada entre o fim do século I e começo do II, oferece uma posição sobre o papel feminino muito semelhante à de 1Timóteo. Assim escreveu Clemente I, considerado o quarto pontífice da Igreja romana:

Com efeito, em tudo vós agíeis sem fazer acepção de pessoas, andando segundo as prescrições de Deus, submissos a vossos chefes, e prestando aos presbíteros que estavam convosco a honra que lhes cabia. Exortáveis os jovens à moderação e dignidade. Recomendáveis às mulheres que fizessem tudo de consciência irrepreensível, na dignidade e na pureza, agradando a seus maridos, como convém. Elas se mantinham fiéis à norma de submissão, e vós lhes ensináveis a governar sua casa com dignidade e a observar a discrição em tudo (Capítulo I, verso 3).⁸

Novamente, nos achamos com um discurso que margeava a postura das mulheres. Posto isso, ponderando o teor das palavras consonantes de Clemente e 1Timóteo e a preocupação de ambos com o comportamento feminino, caberiam alguns questionamentos. Em que medida o contexto de redação das epístolas não nos indicaria para condutas opostas às desejadas pelos escritores? Num momento de desenvolvimento do cristianismo, a preocupação com modelos ideais de comportamento é uma mostra de um processo de construção de identidade cristã. Nesse caso específico, estava em jogo a identidade da mulher cristã. No processo de construção identitária, quais seriam os elementos selecionados para distinguir a mulher cristã das

⁸ Disponível em: <http://www.apologeticacatolica.com.br/cocp/fixas/1corintios.htm>. Acesso: 6 out. 2016.

outras tantas “mulheres” (judias, pagãs, etc.), que figuravam naquele ambiente cultural? Acredito que tais perguntas sejam úteis para o entendimento da argumentação apresentada pelos autores cristãos dos primeiros séculos, acerca das mulheres.

Considerações finais

Diferentes estudos procuraram revelar as nuances da cultura popular. Através deles, chegamos ao entendimento de que os processos culturais se dão de forma dinâmica entre os grupos sociais no transcorrer do tempo. Ao longo do trabalho, a análise das duas fontes permitiu atentar para posições divergentes acerca do papel feminino. Posto de lado a facticidade dos fatos narrados, encontramos o valioso registro de vozes femininas na antiguidade, com posturas que surpreendem pela autonomia e insubordinação. A radicalidade no comportamento de Tecla, nutrida pelo elemento religioso, quebrou regras e convenções sociais. Do outro lado, no discurso atribuído a Paulo, estruturou um modelo de comportamento feminino cristão, regido pela austeridade, o silêncio e a modéstia. Textos próximos, representações distantes e conflitivas, que nos consentem ajuizar a diversidade e a divergência de ideias entre os grupos cristãos no século II d.C. Num cristianismo em formação, não somente questões doutrinárias estavam em debate, mas também, o papel da mulher, seu espaço e suas margens de atuação naquele sistema religioso, ainda em processo de ordenação.

Poderíamos arrazoar, ainda, quais as motivações que levaram a carta deuteropaulina a entrar no cânon bíblico, enquanto os Atos de Tecla acabaram se tornando uma leitura marginal. Considerando a posição adotada por Tertuliano em relação à história de Tecla, não é muito difícil entender a opção feita, entre os dois textos, pelas autoridades cristãs nos séculos seguintes.

Referências Bibliográficas:

Fontes

- BIBLIA. (2001) Português. **A Bíblia**. Edição Almeida corrigida e revisada Fiel.
- CLEMENTE I. **Carta de Clemente aos coríntios**. Disponível em: <http://www.apologeticacatolica.com.br/cocp/fixas/1corintios.htm>. Acesso: 6 out. 2016.
- PIÑEIRO, Antonio; DEL CERRO, Gonzalo. (2004/2005) **Hechos Apócrifos de los Apóstoles**. Edición crítica e bilingüe. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC).
- TERTULIANO, S. **De Baptismo**. Disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/Ante-Nicene_Fathers/Volume_III/Ethical/On_Baptism/XVII. Acesso: 5 out. 2016.

Literatura

- BAKHTIN, M. (1993) **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo - Brasília: HUCITEC-EDUNB.
- CARREZ, M e outros. (1987) **As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas**. S. Paulo. Paulinas.
- CHARTIER, Roger. (1995) “**Cultura popular**”: revisitando um conceito historiográfico. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v. 8, n. 16. p. 179-192.
- CHARTIER, Roger. (2011) **Defesa e ilustração da noção de representação**. Dourados: Fronteiras, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.
- GINZBURG, Carlo. (1987) **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras.
- PERKINS, Judith. (1995) **The Suffering Self**. Pain and Narrative Representation in the Early Christian Era. London and New York: Routledge.
- ROBERT, A.; FUILLET, A. (Dir.). (1970) **Introducción a la Biblia**, tomo Segundo. Barcelona: Herder, 1970.
- SILVA, Carlos Alberto; MATOS, Denilson da Silva. (2015) **Bem-aventurados os castos: os Atos de Paulo e Tecla e a desconstrução do sistema patriarcal**. Revista Oracúlo, ano 11, n. 16. p. 29-39.

THOMPSON, E.P. (1998) **Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das letras.